

## Lições do passado: memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro

Lenina Lopes Soares Silva

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1327>

DOI: 10.4000/eces.1327

ISSN: 1647-0737

### Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

### Refêrencia eletrónica

Lenina Lopes Soares Silva, « Lições do passado: memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro », *e-cadernos CES* [Online], 02 | 2008, posto online no dia 01 dezembro 2008, consultado o 14 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1327> ; DOI : 10.4000/eces.1327

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 novembro 2019.



---

# Lições do passado: memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro

Lenina Lopes Soares Silva

---

## 1. Introdução

- 1 A proposição fundamental destas reflexões é conduzida observando-se que cartografias do futuro poderão ser perspectivadas, tendo como referente para a história individual e coletiva o passado reexaminado no presente. Sendo assim, visualiza-se que as memórias e as narrativas autobiográficas são territórios de pesquisa, ainda pouco explorados nas Ciências Sociais e Humanas. Neste sentido, propõe-se que a memória e a literatura são campos empíricos férteis para se discutir a sociologia das ausências, conceito desenvolvido por Santos (2006), no sentido em que se trata de um procedimento metassociológico que permite ao pesquisador pensar o passado, o presente e o futuro, fazendo um trabalho de tradução de um tempo, momento e espaço histórico e cultural.
- 2 Com isto, vemos as possibilidades de leitura, no presente, de um passado que não pode ser encontrado em discursos já oficializados, aqueles que traduzem um passado mortificado, sem passagens reflexivas e sem relevância para o futuro; um passado que não se insere no presente e que não se expande sobre o futuro; algo rígido, sem meios para possíveis interações. É buscando uma cumplicidade ontológica entre tempos (passado, presente e futuro), na demanda discursiva dos sujeitos sociais integrantes das pesquisas, que ideamos esta comunicação.
- 3 Objetivamos, desse modo, relatar duas experiências de pesquisas: A primeira, já concluída, intitulada “Memória da formação médica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Brasil”, que traz para o debate as possibilidades de interpretações oriundas de lembranças de alunos egressos do Curso de Medicina da UFRN. Nesta, a discussão ocorre em volta de mediação pedagógica e imagens de professores no contexto de criação do curso na cidade de Natal/ Rio Grande do Norte/ Brasil, em

meados do século XX. A segunda, em andamento, intitula-se “Itinerários sociais e singularidades da formação médica em narrativas autobiográficas,” em que buscamos dar visibilidade às lições para o futuro encontradas na literatura brasileira, no tocante ao percurso social, cultural e profissional de Pedro da Silva Nava, considerado um dos principais memorialistas do Brasil. Esta é, portanto, uma tentativa de tornar presentes e visíveis algumas invisibilidades do contexto social e cultural brasileiro, denotadas pelo autor em seus livros de memórias.

- 4 As duas pesquisas são vinculadas à Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação, do Departamento de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil, sob a responsabilidade do professor/ doutor José Willington Germano.
- 5 A seguir apresentamos as duas experiências de forma narrativa, como notas breves de pesquisa.

## 2. “Memória da formação médica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil”

- 6 O diálogo com memórias como fonte de pesquisa para descobrir vestígios de mediação pedagógica e como suporte empírico e de produção do saber, envolve reflexões sobre atitudes humanas presentes nas lembranças, na história e nas condições socioculturais dos seres existentes, em um dado momento e tempo histórico. Isto corrobora o pensamento de Paul Ricoeur por uma compressão que permita o diálogo entre a coexistência de sucessivas gerações, quando afirma: “A história só nos atinge através das modificações que impõe à memória, pois a memória constitui a primeiríssima relação com o passado” (Ricoeur, 2002: 374); e também o de Mendes (2002: 514) que diz: “por uma lógica de simetria, a análise das memórias individuais permitirá salientar os limites do trabalho de enquadramento e especificar o trabalho pessoal, pela narrativa e pelo discurso [...]” Ambos possibilitam a reflexão em torno de análises de identidades pessoais e sociais no espaço vivido, comunitário. Nesta perspectiva, Santos (2006) instiga-nos a pensar que a busca de outros discursos, narrativas e memórias seria uma das formas de enfrentamento desse momento histórico de globalização pretensamente hegemônica nas dimensões social, política, econômica e cultural.
- 7 Então, questionamos por que buscar nas memórias de alunos lembranças que demonstrem a mediação pedagógica de um campo de atuação profissional que lida com a vida, a morte, a dor e a saúde dos homens, como é o caso da formação médica? Talvez para encontrar nelas outros discursos, outras formas de pensar a medicina e seu ensino, outros modos de pesquisar sobre educação no Brasil,
- 8 Assim, a pesquisa “Memória da Formação médica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Brasil’ foi se delineando e teve como objetivo, além de constituir a história do curso médico da UFRN em seus momentos iniciais (1955-1963), promover uma discussão sobre formação médica e mediação pedagógica, através de lembranças, possibilitando, assim, o diálogo entre a história social e a memória dos alunos.
- 9 Os procedimentos metodológicos adotados sedimentaram-se em uma abordagem não paramétrica com enfoque qualitativo, sendo que a pesquisa de campo foi desenvolvida com alunos egressos das turmas que ingressaram no referido curso em 1956, 1957 e 1958, os quais concluíram em 1961, 1962 e 1963, respectivamente, na Faculdade de

Medicina de Natal/ Rio Grande do Norte/ Brasil. O universo da pesquisa compunha-se por 50 sujeitos e, através de sorteio, foi retirada uma amostra composta por seis sujeitos. A participação se deu por consentimento, permitido e declarado, conforme documentação arquivada na Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação do PPGCS/ CCHLA/ UFRN.

- 10 Durante a pesquisa de campo, as lembranças dos sujeitos conservadas na memória foram consideradas como a substância empírica, aquilo que daria o conteúdo, haja vista os objetivos propostos para e a fundamentação teórica sobre a qual se apóia. Assim, por meio de depoimentos, foram colhidas as lembranças, utilizando como estratégia a entrevista temática. Nesta, inicialmente, os sujeitos foram informados sobre o tema da pesquisa e sobre o que poderiam falar livremente. Também foram informados que a pesquisa havia sido submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN, e aprovada em 03 de junho de 2005, conforme Parecer nº 48/ 2005.
- 11 Os dados sistematizados e a interpretação das lembranças foram dispostos em uma cartografia simbólica que envolveu a construção de quadros interpretativos, configurando mapas representativos daquela realidade. Tal procedimento tem como fundamentos aqueles desenvolvidos por Santos (2001: 224), que, tratando de cartografia simbólica das representações sociais, expressa: “[...] os mapas são um campo estruturado de intencionalidades, uma língua franca que permite a conversa sempre inacabada entre a representação do que somos e a orientação que buscamos.” A cartografia também é utilizada por Nobre (2003: 69), que a considera como um procedimento de pesquisa capaz de “apresentar e organizar os resultados obtidos em atividades de campo.” Desse modo, a cartografia constituinte desta pesquisa teve como fonte a fala dos depoentes, seus discursos sobre a formação médica por eles experienciada, permitindo que eles dialogassem com suas próprias histórias de vida e sua formação profissional. A cartografia deu suporte à elaboração de uma síntese que foi apresentada em quadros que denominamos de cartogramas de significados. Estes tiveram como unidade de análise as palavras representativas dos elementos constituintes da mediação pedagógica, que são: conteúdos de ensino, saber relacional, recursos didáticos, bem como as imagens dos professores expressas pelos alunos, em um novo discurso sobre o curso de medicina da UFRN.
- 12 Isto tornou possível pensar sobre a preservação da memória e da história construídas na formação médica da Faculdade de Medicina da UFRN, nesse período: por seu significado histórico e social, em suas diversas sedimentações, que vão além do discurso dos professores e dos fundadores, possibilitando a apropriação de conhecimentos passíveis de socialização, e partilhando, no sentido de produzirem, no futuro, significações que possam ser reconstruídas e compartilhadas em outras situações de vida, reconhecendo-as como conhecimentos prudentes. É válido ressaltar a inserção social da experiência da formação médica teorizada socialmente em seu tempo e espaço, observando-se o compromisso “para uma vida decente,” assim como propõe Boaventura Santos (2003a), e pertinente, porque foi situada no contexto e interpretada no sentido da humanização e da história, como enfatiza Morin (2001a).
- 13 Os resultados trouxeram para o debate sobre a história e a memória da formação médica, em Natal, no Rio Grande do Norte, a voz dos alunos, quase nunca ouvida em trabalhos com tal perspectiva. Geraram novas possibilidades de interpretações oriundas de lembranças de alunos egressos e de utilização da estratégia de cartografia simbólica para a discussão sobre mediação pedagógica e imagens de professores na

formação médica. Também mostram quanto a memória é relevante para a avaliação da prática pedagógica no Brasil, onde a formação médica formal teve início apenas no século XIX. Visualizou-se que essa formação, logo no princípio, procurou desvincular-se das práticas curativas, pré-existentes no país, experienciadas pelos povos que formaram a nação brasileira, ao mesmo tempo em que buscava sistematizar, regular e legitimar a Medicina brasileira nos moldes científicos europeus, especialmente o francês e o germânico, para, assim, profissionalizá-la e autorizá-la pelo Estado.

- 14 Mas, e as práticas curativas dos índios, dos africanos e dos demais povos que habitavam o Brasil, como ficaram? Não foi proposta desta pesquisa responder, mas quando da criação do curso médico em Natal, em 1955, o discurso científico já dava o tom e a condução da formação médica e, de acordo com as lembranças dos alunos, nem mesmo as doenças presentes no contexto social no qual estavam inseridos eram levadas em consideração no currículo de tal curso. Eles estudavam sobre diversas doenças menos sobre aquelas que comumente acometiam o povo de sua terra, melhor localizando, o povo do Nordeste do Brasil.
- 15 Na cidade de Natal, em meados do século XX, já existia uma elite formada por intelectuais de várias áreas que reivindicavam, junto ao Estado, a modernização da cidade e a garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos natalenses. Faziam isto, em nome da sociedade. A criação da Faculdade de Medicina de Natal, pela Sociedade de Assistência Hospitalar do Rio Grande do Norte, teve o apoio de lideranças políticas do Estado, mas também do Governo Federal brasileiro. Os alunos confirmam que essa criação aconteceu quando essa elite começou a sentir o atraso em que se encontrava o Rio Grande do Norte, especialmente o de sua capital, em relação aos outros Estados do Nordeste do Brasil e ao restante do País, no tocante à educação e à saúde.
- 16 De acordo com as lembranças dos alunos, no período de 1955 a 1963, Natal vivia um momento marcante de sua história em vários setores, dentre estes, o da educação. Esse momento era implementado pelos governos municipal, estadual e federal. No municipal, destaca-se a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, um movimento de alfabetização popular com viés cultural, cuja continuidade foi impedida quando da instauração do governo civil militar instaurado no Brasil em 1964, conforme Germano (1989). A criação da Faculdade de Medicina na cidade era um sonho que fazia parte do ideário dos intelectuais e do povo da cidade, pois, desde o início do século XX, vinha sendo acalentado por algumas lideranças locais, entre eles, Januário Cicco, médico norte-rio-grandense, que faleceu em 1952, antes de ver seu grande sonho, a criação da Faculdade de Medicina de Natal, realizado. Dois movimentos destacam-se no percurso dessa instituição de ensino superior no Rio Grande do Norte: a criação, em 1925, da Universidade Popular do Rio Grande do Norte, pelo então Governador do Estado, José Augusto, tentando articular forças para conter o operariado potiguar que vinha, desde o início do século, se organizando para lutar por melhores condições de trabalho e de vida e contra as oligarquias locais que se mantinham no poder há alguns anos. Essa Universidade foi criada com o apoio da Igreja Católica; e a Universidade Popular de Câmara Cascudo (como ficou conhecida), instalada em 1948, por Luís da Câmara Cascudo, folclorista potiguar, no Instituto Histórico e Geográfico do RN. Nesta foram ministradas 18 aulas temáticas de literatura, artes, história, religião, saúde e filosofia, seguidas de músicas, indo, dessa maneira, além do aparato disciplinar, comum no ensino universitário. As duas Universidades duraram pouco tempo e são poucos os

- registros sobre as duas experiências. Como vimos, não tinham como função formar pessoas em nível superior.
- 17 Foram rememorados, pelos alunos, fatos marcantes da história da cidade de Natal e da trajetória da formação médica da Faculdade de Medicina da UFRN, os quais avaliaram a contribuição daquela formação para suas vidas e para o conjunto da sociedade natalense/ potiguar. Trouxeram, dessa forma, pela via da memória, pessoas, espaços, movimentos sociais, idéias e informações que circularam no contexto social e cultural do período, formando, assim, um mapa/memória vivificado do passado.
  - 18 As narrativas dos alunos dão conta de elementos específicos da mediação pedagógica da formação médica. Eles descrevem com riqueza de detalhes a interação entre professores e alunos e entre alunos e alunos, como também os saberes que circulavam no processo de formação médica por eles vivido, fazendo críticas ao que, na atualidade, consideram como imprescindível à formação em saúde, como, por exemplo: a questão de disciplinas voltadas à formação humanística, como ética e sociologia, que não faziam parte do currículo médico à época. O detalhamento das lembranças trazem nuances de alguns aspectos envolvidos na mediação da formação médica, como a relação médico/paciente, a cultura geral e a competência profissional dos professores, o envolvimento social de alunos e professores, o compromisso e a responsabilidade sociais, demonstrados pelos professores, a falta de recursos didáticos utilizados com predominância no diálogo, a precariedade das tecnologias que dispunham, os cuidados com os envolvidos no processo de ensino médico, em especial os pacientes e os próprios alunos, as relações de amizade e as singularidades do espaço de aprendizagem social no qual viviam. Também merecem destaque as particularidades individuais ocorridas entre professores e alunos, as quais marcaram e influenciaram suas escolhas e trajetórias profissionais ao longo de suas vidas.
  - 19 A contribuição das lembranças dos alunos para a construção desta história/ memória proporcionou um diálogo que permitiu compreendermos o processo de mediação pedagógica experienciado no curso médico da Faculdade de medicina de Natal. Forneceu informações para construirmos, a partir das imagens dos professores, expressas nos depoimentos, um significado representativo para esses professores. Tais imagens reconstruídas deixaram transparecer relações de afeto, dedicação ao ensino e à aprendizagem dos alunos, transmissão de experiências e compromisso com a circulação do saber médico. O lugar ocupado pelos professores da Faculdade de Medicina, em estudo, ficou situado no espaço da dimensão humana e social, pelas atitudes de respeito àqueles que deram ao outro o melhor que podiam: o sentido da humanização profissional em Medicina. Isto está confirmado na memória dos alunos que direta ou indiretamente aprendiam por intermédio das ações e experiências dos professores.
  - 20 Podemos afirmar, portanto, que é possível encontrar vestígios de mediação pedagógica em memórias de alunos, mesmo que tenham se passado mais de 40 anos, e que esses vestígios poderão ser elementos valiosos como indicativos de caminhos para outras pesquisas, nas Ciências Sociais e Humanas.
  - 21 A análise e interpretação da mediação pedagógica feitas, não pelos olhares de quem a viveu, mas partindo deles, por meio de uma cartografia simbólica elaborada com vestígios de lembranças, foi uma tarefa difícil, pois demandou o desafio de, além de selecionarmos categorias dentro do objeto em análise, fazermos a seleção de palavras representativas destas no manancial de lembranças narradas pelos alunos. Neste

sentido, a leitura do livro *Palomar*, de Ítalo Calvino (1994), nos deu várias pistas para entendermos e sistematizarmos de forma compreensiva/explicativa a interpretação que estávamos desenvolvendo, sem que dela resultasse um modelo fechado, mas possibilidades de estruturação escrita para interpretação de lembranças, sem perda da coerência, da coesão e da logicidade.

- 22 O empreendimento feito neste estudo, em nível científico, permitiu alinhá-lo à dimensão afetiva, sem prejuízo da fidedignidade e do rigor científico. Nele cuidamos de memórias de vidas que se refletiram em atitudes no movimento da mediação pedagógica, provocando descobertas e evidenciamentos de conhecimentos e de posturas didáticas imprescindíveis à docência e à formação médica, num momento em que a ciência buscava alinhar-se às novas tecnologias e quase tudo já havia se transformado em mercadoria.
- 23 Isto nos faz corroborar as preocupações de Boaventura Santos, sobre conhecimentos prudentes, e de Edgar Morin sobre conhecimentos pertinentes, quando verificarmos, tantos anos depois, que a memória dos sujeitos ainda traz ao presente aquilo que ficou retido e que pode ser lembrado, por ter deixado marcas em suas vidas pessoais, sociais e culturais significadas pelas atitudes positivas – que permearam a formação médica –, reveladoras de sentimentos de amizade, respeito ao outro, solidariedade, dedicação ao ensino e à aprendizagem, deixando-nos com a mesma dúvida de Ítalo Calvino (2000, p. 72): “[...] por que a rede furada da memória retém certas coisas e não outras [...].”
- 24 As dificuldades para a constituição deste trabalho foram analisadas como sendo parte da dimensão pessoal da pesquisadora, geradas pelo desafio de estruturar um texto cuja abordagem é significativa, tecendo-o com os fios do conhecimento científico, tendo que, para isto, dar alguns nós, laços talvez, com fios da literatura e da arte, sem perder a unidade e a multiplicidade da confecção da rede das lembranças e da memória em estudo, pela falta de lógica e de coerência entre o planejado e o concretizado.
- 25 Relatamos, em síntese, o que foi possível mapear nos caminhos percorridos nesta pesquisa, outros caminhos existem no percurso... mas, não são estes... São outros caminhos!
- 26 Enfim, nada concluímos, porque a cautela nos impossibilita de fechar esse mapa e de fazer generalizações a partir dele. Assim sendo, deixamos o ponto final, a cargo de outros caminhantes...

### 3. “Itinerários sociais e singularidades da formação médica em narrativas autobiográficas”

- 27 A pesquisa “Itinerários sociais e singularidades da formação médica em narrativas autobiográficas” visa mapear o que foi reconstituído do passado, para o presente, por dois autores médicos, Pedro da Silva Nava (1903-1984) e Elisabeth Kübler-Ross, na construção de suas narrativas autobiográficas e/ ou memórias de si. Aqui serão relatadas algumas notações já construídas de uma das partes da pesquisa, a que servirá de base para a tese de doutoramento da autora desta comunicação, ou seja, aquela que tem como suporte empírico os livros de *Memórias* de Pedro da Silva Nava. Podemos considerar esta pesquisa como pautada em uma abordagem transdisciplinar, cuja perspectiva enfoca a ecologia de saberes, como aquela que provoca “o confronto e o diálogo entre saberes”, que é também “o confronto e diálogo entre processos através

dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas sábias” (Santos, 2004: 790), provocando, dessa maneira, uma religação entre saberes ainda não traduzidos.

- 28 Esclarecemos que algumas questões vêm guiando a pesquisa, das quais destacamos: como a formação do autor se apresenta na escrita de si, entremeada nos fatos e acontecimentos sociais de seu tempo e momento histórico? Há em Nava um sentido de teorização das experiências por ele vividas, no espaço brasileiro? Existe, no itinerário social de Nava, traduzido nas *Memórias*, zonas da vida social brasileira, tornadas visíveis por ele, mas que ainda encontram-se invisíveis, no início do século XXI? Como a formação e a colonização do povo brasileiro são narradas pelo autor?
- 29 Será possível encontrar algum tipo de manifesto social nas *Memórias*? E, o que há de singular na formação médica do autor que mereceu destaque em sua narrativa de si?
- 30 Pretendemos defender que a narrativa deste autor traz em si discussões que possibilitam afirmar que, ao denotar em suas *Memórias* a experiência social brasileira, partindo da teorização de suas próprias experiências, tornou visíveis algumas invisibilidades presentes na sociedade brasileira, contra o que Santos (2001) denomina de “desperdício das experiências”.
- 31 Partimos da compreensão de que vida e obra são inseparáveis do contexto social e cultural. Neste sentido, se tangencia que a formação educativa e profissional do sujeito perpassa ambas no momento em que ele toma consciência de sua existência como ser finito. A partir dessa tomada de consciência, assume-se em um mundo significado não só por si, mas por outros seres, que dão sentido e significam a sua história, a sua sociedade e a sua cultura. Nesta pesquisa, pretendemos, além de mapear o itinerário social, buscar compreender o direcionamento do pensamento do autor, bem como mapear as singularidades de sua formação médica, fazendo uma tentativa para responder às questões levantadas e ao mesmo tempo construir uma argumentação para subsidiar a escrita e a defesa da tese. Trata-se, portanto, de analisar a narrativa de um ator social que se destacou na cena médica e literária brasileira por seus trabalhos no século XX, traduzindo os saberes e as experiências em novos conhecimentos.
- 32 Observamos que são inúmeros os autores literatos, cientistas, artistas, poetas e professores que, num certo momento da vida, se põem a ver o mundo, a re/ imaginá-lo, re/construindo assim suas próprias vidas. Nessas re/ invenções encontram coisas, lugares, pessoas, acontecimentos, alegrias e tristezas que fazem denotar na escrita de si um mapa do eu interior, imaginário, memorialístico que não é a realidade, mas que para o leitor funciona como um despertador de sentimentos vivenciados através dela, como aquilo que foi vivido e que deixou marcas tatuadas na vida, na memória individual, re/ afirmada na memória coletiva e, muitas vezes, confirmadas pelo próprio leitor através de outras leituras. Dessa forma, se o espaço, o tempo e o contexto social que são narrados, descritos e criticados em memória e narrativas autobiográficas não são a realidade, a representam como tradução – refletida e reinventada para o presente, fazendo com que este vá ao futuro. São, dessa forma, conhecimentos que podemos conformar hipoteticamente, como experiências teorizadas ou não.
- 33 A análise interpretativa fundamenta-se nas proposições da necessidade de uma sociologia das ausências, conforme Santos (2006), capaz de suscitar reflexões sobre questões que incidem sobre os cuidados concernentes tanto aos desperdícios de experiências quanto à não teorização destas. Sendo assim, a pesquisa será delineada por

interpretações de leituras no conjunto de sete livros que compõem as *Memórias* de Nava, seis deles concluídos e um inacabado: *Cera das Almas*. De igual modo, serão considerados para análise, o contexto social e os conteúdos que denotem o percurso de vida e a formação profissional (formal e informal) e cultural.

- 34 As leituras são direcionadas pelos objetivos propostos e a análise tem como critérios de sistematização as categorias: o espaço, o tempo e a projeção das *Memórias* de Nava, interpretados conforme os “cinco modos de produção de não existência”, sugeridos por Santos (2006): “a monocultura do saber e do rigor do saber”; “a monocultura do tempo linear”; “a lógica da classificação social”; “a lógica da produção da inexistência”; e “a lógica produtivista”. Estes cinco modos são confrontados com as cinco ecologias: a dos saberes; das temporalidades; dos reconhecimentos; das trans-escalas; das produtividades. Assim, estamos construindo uma cartografia simbólica do pensamento, dos fatos e acontecimentos presentes na narrativa do autor, com as orientações metodológicas encontradas em Santos (2001) que expõe: “As virtualidades da cartografia simbólica, ou seja, de uma abordagem assente no estudo das escalas, projecções e das simbolizações, são fundamentalmente três” (2001: 222): aquela vinculada ao ‘modo de pensar e analisar as práticas institucionais dominantes, sem depender das formas de auto-conhecimento produzidos pelos quadros profissionais que as servem (223)’, a atenção à materialidade instituída e suas regras e, “a combinação entre a análise estrutural e a análise fenomenológica” (224).
- 35 Esperamos que essa estratégia auxilie na condução das proposições objetivadas para a interpretação das idéias do autor, subsidiando, assim, a tradução e a produção dos conhecimentos esperados, derivados de uma memória que contém experiências brasileiras do século XX, umas visíveis e outras invisíveis.
- 36 As análises já feitas até o momento permitem interpretar que Nava deixa entrever, em suas *Memórias*, as possibilidades de uma ecologia de saberes nas áreas nas quais atuou, especialmente na literatura e na medicina. Possibilita ainda o entendimento de que os territórios da literatura são espaços de denúncias sociais por proporcionar possibilidades de dilatação do presente, deixando, desse modo, conduções reflexivas para que se compreenda que as memórias podem ser teorizadas como lições de si e, assim entendidas, são modos de manifestações contra o desperdício das experiências. Enfim, proporciona que o leitor/ pesquisador se envolva e reflita sobre as suas preocupações em torno de temas, como a morte, o valor da amizade, a fragilidade da condição humana e, principalmente, com o papel social dos sujeitos em seus espaços e tempos históricos e sociais.
- 37 Já é possível também afirmar que certas invisibilidades presentes na sociedade brasileira do século XX, tornadas visíveis por Pedro Nava, ainda perduram no século XXI como inexistentes, porque este autor se fez ler no presente, lendo o país no passado para o futuro.

## 4. Considerações finais

- 38 As duas experiências mostram as possibilidades de interpretações geradas em estudos que tenham memórias e narrativas autobiográficas como base empírica; que a cartografia simbólica é uma estratégia válida na sistematização das informações a

serem interpretadas; que a literatura é um campo empírico, um território de pesquisa relevante para o futuro das Ciências Sociais e Humanas.

- 39 Assim, reconhecemos que dar as mãos através do tempo é permitir que tempos diferentes se cruzem, se influenciem e se transformem, possibilitando que o passado seja lido e interpretado de outro modo, com uma nova racionalidade.
- 40 Por fim, nada concluímos, pois a cautela nos impossibilita de fechar um mapa que pertence a dois momentos distintos e pesquisas diferentes, muito menos de fazer generalizações a partir dele. Assim, deixamos o ponto final para o futuro, a cargo de outros caminhantes... porque, quem sabe, poderão em outras cartografias conseguir fechar o ciclo sempre inacabado das memórias e das narrativas autobiográficas.
- 41 Contudo, sugerimos que leiam o passado como lições que contêm em si perspectivas que podem ser positivas ou negativas para o presente e para o futuro, mas que não deixam de ser lições do passado...

## BIBLIOGRAFIA

Calvino, Ítalo.(1994), *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras.

Calvino, Ítalo (2000), *O Caminho de San Giovanni*. São Paulo: Companhia das Letras. Germano, José Willington (1989), *Lendo e aprendendo: A Campanha de Pé no Chão*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

Mendes, José Manuel Oliveira (2002), “O desafio das identidades”, in Boaventura de Sousa Santos, *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 503-540.

Morin, Edgar (2001), *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.

Nava, Pedro (2000), *Balão Cativo: Memórias 2*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Nava, Pedro (2001), *Chão de Ferro: Memórias 3*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Nava, Pedro (2002), *Bau de Ossos: Memórias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Nava, Pedro (2003), *Beira-mar: Memórias 4*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Nava, Pedro (2004), *O Círio perfeito: Memórias 6*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Nava, Pedro (2003), *Galodas-trevas: Memórias 5*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Nava, Pedro (2006), *Cera das Almas: Memórias 7*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Nobre, Itamar de Moraes (2003), *A fotografia como narrativa visual*. 2003. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2003.

Ricouer, Paul. “O passado tinha um futuro”, in Morin, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 369-378.

Santos, Boaventura de Sousa (2001), “A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência”. 3. Ed, 1. São Paulo: (Cortez. *Coleção Para um Novo Senso Comum: a Ciência, o Direito e a Política na Transição Paradigmática*.

Santos, Boaventura de Sousa (org.) (2002), *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 377- 416.

Santos, Boaventura de Sousa (2004), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: um discurso sobre as Ciências revisitado*. São Paulo: Cortez.

Santos, Boaventura de Sousa (2006), *A Gramática do Tempo: Para uma Nova Cultura Política*. São Paulo: Cortez, (Coleção Para Um Novo Senso Comum, 4).

Silva, Lenina Lopes Soares (2006), *Lembranças de Alunos, imagens de Professores: narrativas e diálogos sobre formação médica*. 2006. 186f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN.

## RESUMOS

Nesta comunicação, parte-se da proposição de que cartografias do futuro poderão ser perspectivadas, tendo como referente para a história individual e coletiva o passado reexaminado no presente, destacando a memória e a literatura como fontes de pesquisa para as Ciências Sociais e Humanas. Apresentamos para isto, duas experiências de pesquisas: “Memória da formação médica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Brasil,” que traz as possibilidades de interpretações levantadas por meio de lembranças de alunos, mostrando a relevância da memória para a avaliação da prática pedagógica, e “Itinerários sociais e singularidades da formação médica em narrativas autobiográficas”, pesquisa na qual se vem interpretando as Memórias de Pedro da Silva Nava, um dos principais memorialistas do Brasil. Trata-se de dar visibilidade às lições do passado como lições para o futuro, encontradas em memórias e narrativas autobiográficas.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** memória, narrativas autobiográficas, cartografia simbólica

## AUTOR

### LENINA LOPES SOARES SILVA

É doutoranda em Ciências Sociais, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil. É pedagoga, especialista em Psicopedagogia e Mestre em Ciências Sociais.